

Europa quer ser líder mundial na Tecnologia e Inovação

Trabalhadores em greve

Os trabalhadores do Hotel Navegadores, em Monte Gordo, reunidos em plenário, decidiram convocar greve para os dias 19, 20 e 21 de Outubro, afirmando-se "preocupados" com o futuro da unidade e com os seus postos de trabalho e exigindo respostas da administração.

Em Setembro, por decisão dos trabalhadores, o Sindicato da Hotelaria do Algarve questionou a administração da hotelaria a encerrar o hotel e como pensava regularizar os pagamentos e compensações relativas ao trabalho prestado em folgas e feriados, assim como férias, dos anos de 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012.

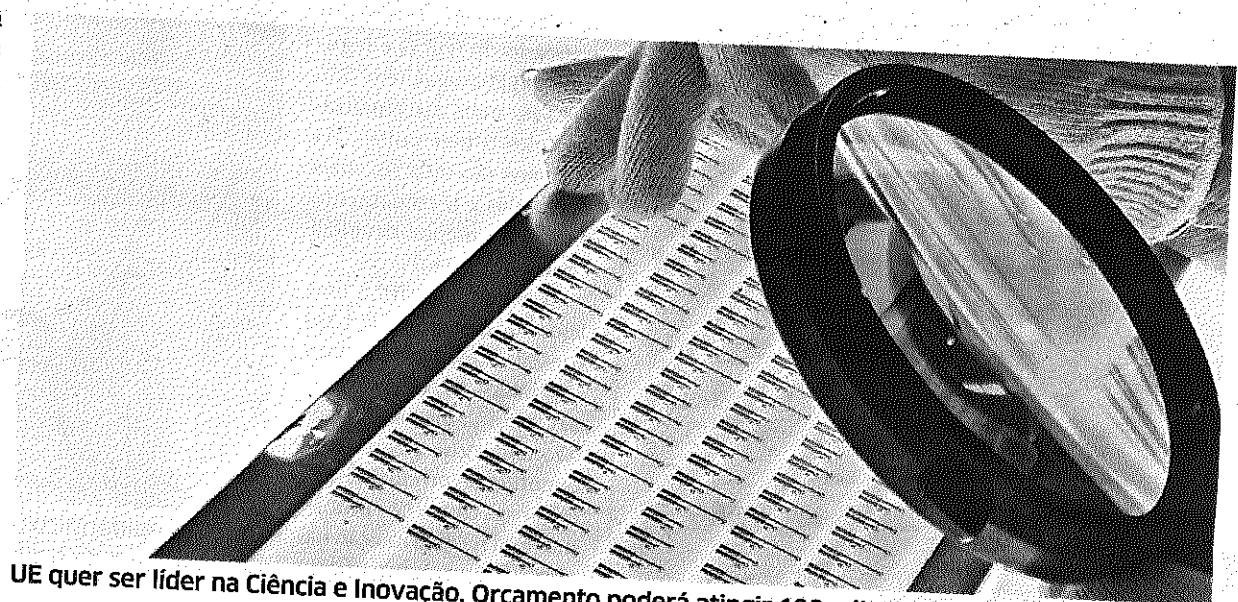
Sindicatos lamentam exclusão

A comissão executiva da USA - União de Sindicatos do Algarve lamentou que a CCDR - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve a tivesse deixado de fora da preparação da estratégia para o próximo ciclo de ajudas comunitárias (2014-2020).

De fora, queixam-se os sindicatos algarvios em comunicado, "fica uma parte importante e imprescindível dos parceiros sociais e institucionais da região, os sindicatos, e, como tal, a esmagadora maioria da população activa da região, os trabalhadores".

A CCDR convidou a Universidade do Algarve e as sete principais associações empresariais da região para em conjunto elaborarem um «Estudo de Enquadramento Estratégico», tendo em vista o novo ciclo de fundos comunitários (ver notícia nas páginas 14 e 15).

O Parlamento Europeu quer garantir nada mais nada menos que 100 mil milhões de euros, entre 2014 e 2020, para investir na Europa em Ciência, Investigação e Inovação. E pela primeira vez, os fundos vão estar ligados não só a projectos de investigação, mas terão de ter uma ligação real à indústria e aos mercados, isto é, as ideias e conceitos alvo de investigação terão de se traduzir em produtos ou serviços que gerem riqueza e mais-valias para a Europa. "É importante - em paralelo com todo o esforço de austeridade - investir em programas que financiem actividades que conduzam ao crescimento económico e uma das principais é a Ciência e Inovação. Estamos a desenhar um programa de Ciência que não é só Ciência, cobre todo o ciclo da Inovação, desenvolvimento tecnológico, a demonstração, os primeiros passos de entrada no mercado de produtos e ideias inovadoras", explica ao semanário O ALGARVE Maria da Graça Carvalho, eurodeputada do Partido Popular Europeu (PPE) e relatora principal do Programa Horizonte 2020, para a área da Ciência e Inovação. Agora, em cima da mesa, mais do que as linhas orientadoras do novo financiamento, tem estado o financiamento. Isto porque se o Parlamento Europeu pede 100 mil milhões, o Conselho da Europa (que reúne os ministros responsáveis pelos fundos de cada país) quer avançar com metade. Para Marisa Matias, eurodeputada da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde, o novo modelo de financiamento é melhor que o anterior, mas ainda não tem em conta as especificidades das empresas e universidades portuguesas: "Espero que mudem as regras do jogo para permi-



UE quer ser líder na Ciência e Inovação. Orçamento poderá atingir 100 mil milhões de euros.

tir a participação de todos. O orçamento será provavelmente de 80 mil milhões, o que já representa um aumento muito grande face ao sétimo Programa-Quadro. Desde logo é uma grande novidade a integração de três componentes que sempre estiveram separadas, a agenda estratégica da inovação - que é uma coisa muito nova - o Programa-Quadro de Ciência, Investigação e Inovação e o Euroatom. Acabamos por ter um grande programa que engloba tudo", começa por explicar. No entanto, nem tudo são rosas: "O PPE tem o relatório das regras de participação e, no meu entender, elas são muito desiguais. Não põem no mesmo patamar as Universidades e os Centros de Investigação como por exemplo a Alemanha e os de um país como Portugal, em que as instituições estão aflitas em termos de recursos. Nunca terão capacidade de concorrer como as Universidades alemãs e de cofinanciar os projectos em 30%", acrescenta.

De onde vem o crescimento?

Christian Ehler, alemão, também ele eurodeputado do PPE e relator da Comissão ITRE (Indústria, Investigação

e Energia) explica porque acredita que a Alemanha deve investir neste fundo europeu: "Afirmamos que temos de fazer alguma coisa para lidar com as dívidas soberanas, mas a grande questão é de onde virá o crescimento. Em Portugal, pensem na história da Universidade de Coimbra, uma das mais antigas na Europa. Vê-se em termos históricos a relação directa entre o investimento na Ciência e na força de Portugal, porque a inovação em muitas áreas das Ciências Naturais vinham aplicação nas Ciências Marítimas, etc.", afirma ao semanário O ALGARVE. Por isso, ideia é a de ultrapassar países rivais como os Estados Unidos, tradicionalmente líderes na área tecnológica. "A realidade é que nos EUA estão a reduzir os budgets para investigação. Na Ásia, há uma competição mais feroz, estavam a investir em actividades de mercado mas agora estão a voltar atrás à investigação de base, porque não a têm", explica Ehler. Mas Marisa Matias, eleita pelo Bloco de Esquerda, não afina pelo mesmo diapasão: "O que estamos a assistir com a proposta do PPE é que não só se reduz dramaticamente a

capacidade das Universidades e dos Centros de Investigação, como isso acontece em 20 dos 27 países. Se se põe à cabeça que a Instituição, para participar, tem de ter 30% dos recursos, qual é a instituição em Portugal que pode fazer isso? A não ser que atribua aos 30% os salários dos investigadores que já lá têm e ao fazer isso estão a incapacitar-se de contratar novos investigadores", critica Marisa Matias. Ehler ainda responde: "Penso que alguns países como Portugal estão a pagar um preço elevado por terem feito investimentos nos mercados financeiros e menos na Indústria e Tecnologia", constata. Seja como for, certo é que existirão, muito provavelmente, mais fundos disponíveis para a Inovação e Ciência, na Europa a 27. E os fundos, são para quem os apanhar... "Portugal tem uma participação razoável, mais ou menos da sua dimensão relativa na Europa no Programa-Quadro actual, mas é verdade que são sobretudo universidades e centros de investigação, pelo que há que fazer um trabalho, há algumas empresas mas seria desejável que fossem muito mais a participar", afirma Maria da Graça Carvalho, ela que foi Ministra da Ciência e

Tecnologia.

Fundos estruturais ajudam.

Pela primeira vez, será possível uma utilização multifundos, que permite que as empresas mais pequenas contabilizem os custos e obtenham apoios para a preparação dos projectos e candidaturas ou até para deslocações a Bruxelas, de forma a poderem concorrer: "É preciso um grande esforço de divulgação do programa, mas também de apoio às empresas, tanto de apoio assessoria e apoio logístico para que elas possam participar nestes programas e aí os fundos estruturais podem e devem ajudar nessa preparação das instituições mais pequenas", conclui Maria da Graça. A votação dos relatórios ligados à Ciência, Indústria e Inovação decorre nos próximos dias em Bruxelas. Depois, terá lugar a difícil negociação do Orçamento entre os deputados do Parlamento e os ministros do Conselho Europeu, os primeiros a exigirem aumento de fundos e os segundos a quererem cortes nos seus orçamentos nacionais.

> Mário Lino